



Rainhas de Bateria: representações do corpo feminino na cidade do Rio de Janeiro¹

Sonia SCHNEIDERS²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O artigo que será apresentado analisa os atuais padrões de beleza do corpo feminino por meio das Rainhas de Bateria do carnaval carioca. Como palco de grande diversidade cultural, a cidade do Rio de Janeiro possui a festa de maior repercussão midiática no país, e, com isso, expressa representações sociais em torno da cultura de seus habitantes. O carnaval é também momento de grande exposição de imagens dos corpos que podem ser considerados modelos da beleza contemporânea, conquistando o imaginário fetichista de parte da população.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Rainha de Bateria; Cidade; Representações.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo estudar as representações do corpo na cidade do Rio de Janeiro. Como objeto de análise será abordada a forma física das Rainhas de Bateria do carnaval carioca, e, com ela, as representações sociais do corpo feminino na contemporaneidade, principalmente no que diz respeito à forma física das mulheres que habitam o Rio de Janeiro. Outra questão a ser ressaltada é se estas formas exibidas pelas Rainhas possuem características do corpo “comum” da mulher carioca, ou se ele é um fenômeno midiático “imposto” como padrão de beleza contemporânea.

O surgimento do interesse por este tema se deu quando a *Veja*, considerada a maior revista jornalística do país, publicou uma matéria sobre os novos padrões de corpos das Rainhas de Bateria. Com o título “Querida, expandi as rainhas”, a revista mostra que as moças responsáveis por apresentar a bateria das escolas de samba no dia do desfile,

¹ Trabalho apresentado no DT 6 - GP Comunicação e Culturas Urbanas, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Uerj, email: soninhaprij@gmail.com.

passaram a exhibir corpos musculosos, com curvas exageradas, não se preocupando mais em exhibir formas magras, mas sim malhadas e torneadas.

Na primeira parte deste trabalho será abordada a questão da cultura urbana representada pelo carnaval carioca, isto é, a imagem que o Rio de Janeiro possui por meio de sua festa popular. Como fundamentação para este assunto faremos algumas reflexões em torno dos conceitos de Georg Simmel, assim como pelos professores Denise e Euler Siqueira.

Em seguida, será discutido o conceito dos *tipos ideais*, de Max Weber, mostrando as diferenças entre este pensamento com os *padrões midiáticos* da contemporaneidade. Falaremos também sobre os *corpos dóceis* estudados por Michel Foucault, bem como sobre idéias que se correlacionam com tal conceito. Este arcabouço teórico servirá como suporte para identificar em que contexto se insere o Corpo da Rainha, isto é, se esta forma física contemporânea pertence aos *tipos ideais* cariocas, ou se ela é uma criação da mídia para representar as novas formas do corpo feminino.

Para o estudo sobre as representações deste corpo contemporâneo, serão abordadas as reflexões sobre *representações coletivas*, de Émile Durkheim, assim como a *teoria das representações sociais*, estudada por Serge Moscovici. Estes autores nos ajudarão a compreender os fenômenos sociais pelo qual o corpo e suas representações podem estar inseridos nos tempos atuais, gerando suporte teórico para conduzir nossas reflexões sobre corpo e comunicação.

O artigo que será apresentado corresponde a uma proposição inicial acerca do meu tema de estudo de mestrado, que agora começa a ser desenvolvido. Portanto, as considerações que aqui serão apresentadas não são conclusões finais sobre o assunto, mas idéias e hipóteses ainda preliminares, que serão trabalhadas na dissertação.

A cidade como palco de cultura e mercado

Cenário das importantes realizações sociais e culturais, a cidade solidifica-se como importante objeto de análise para o estudo e compreensão dos fenômenos e transformações individuais e coletivas. A cidade, neste caso voltando-se para a metrópole, torna-se palco de grande diversidade cultural entre os povos que a habitam.

Essa diversidade demanda uma série de mercados dispostos a atender as necessidades destes indivíduos, bem como cria festas e rituais onde essas culturas podem ser expostas. Voltando-se para o conceito de Simmel (1987), pode-se analisar a cidade como um espaço voltado ao mercado, ao consumo e a produção. Diz ele:

A metrópole moderna, entretanto, é provida quase que inteiramente pela produção para o mercado, isto é, para compradores inteiramente desconhecidos, que nunca entram pessoalmente no campo de visão propriamente dito do produtor. Através dessa anonimidade, os interesses de cada parte adquirem um caráter impiedosamente prosaico; e os egoísmos econômicos intelectualmente calculistas de ambas as partes não precisam temer qualquer falha devida aos imponderáveis das relações pessoais. (SIMMEL, 1987: 14)

Neste sentido, para podermos exemplificar este mercado pelo qual se estabelece uma metrópole de acordo com Simmel, podemos utilizar o carnaval carioca, festa que envolve características culturais do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, envolve um mercado de produção que, ao passo em que divulga e expõe a cultura da cidade, preocupa-se com lucros através do turismo, exposição na mídia, e exposição de corpos que posteriormente são “comercializados” por revistas sensuais.

Esta festa popular é tida como referência da cidade do Rio de Janeiro em âmbito mundial, isto é, os corpos que ali desfilam, fazem parte da cidade, por vezes são moldados para este evento, fazendo do carnaval uma forma de apontar padrões a serem seguidos pelos habitantes da cidade. Estes padrões podem ser em relação ao corpo perfeito, ao tipo do comércio, a organização da cidade para o carnaval, às preferências por determinadas Escolas de Samba, etc. Com isso, observamos que existe uma preparação da cidade para este evento, fazendo com que ele seja a festa de maior destaque no Rio de Janeiro.

O homem não termina com os limites de seu corpo ou a área que compreende sua atividade imediata. O âmbito da pessoa é antes constituído pela soma de efeitos que emana dela temporal e espacialmente. Da mesma maneira, uma cidade consiste em seus efeitos totais, que se estendem para além de seus limites imediatos. Apenas esse âmbito é a verdadeira extensão da cidade, em que sua existência se expressa. (SIMMEL, 1987: 21)

Analisando os conceitos expostos por Simmel, pode-se encontrar semelhanças com o pensamento de Siqueira & Siqueira (2007). Os autores afirmam que a cidade pode ser diariamente reconstruída e reinventada através das representações sociais que ela emite aos seus habitantes, bem como às pessoas que a visitam. Apontam eles:

De toda forma, a cidade ainda é capaz de ser reinventada; sua reconstrução, mais do que no plano da engenharia, se dá cotidianamente o plano das representações. A cidade é a imagem que seus cenários ajudam a constituir, mas é também o imaginário que o urbano a ela impõe. A cidade se dá ao olhar em imagens. E enquanto o olhar é um sentido consciente, fisiológico, a visão que o complementa é uma construção histórico-cultural. (SIQUEIRA & SIQUEIRA, 2007: 3)

Portanto, o carnaval pode ser considerado um dos “cartões postais” do Rio de Janeiro, ou, como explicam os autores, o cenário da cidade que as imagens da festa ajudam a edificar. Além do envolvimento de várias comunidades, tem-se o turismo, as representações da cultura urbana local, bem como da imagem da cultura carioca, e por vezes da cultura nacional, construída pela mídia através desta festa popular que recebe tamanho destaque no Rio de Janeiro.

Este destaque evidencia-se quando se observa que a cidade do Rio de Janeiro, além de promover forte divulgação desta festa popular, também construiu a Marquês de Sapucaí, avenida localizada no centro da cidade, destinada especificamente para os desfiles das Escolas de Samba nos dias do Carnaval.

Este desfile que expõem corpos de todos os tipos, habitantes da cidade e, por eventualidade visitantes, porém, o grande foco de atenção e interesse se dá pelos corpos das Rainhas de Bateria, que recebem destaque por parte da mídia e das próprias Escolas, exibindo corpos malhados, tidos como referência de beleza não só no carnaval, mas sim, representando a beleza contemporânea da cidade do Rio de Janeiro.

Corpo da Rainha: *Tipos ideais ou padrões midiáticos?*

Carnaval carioca, “festa da carne” que se torna palco para a exibição das formas mais exuberantes que o corpo adquire com o passar dos anos. Festa que envolve cidade, cultura e mídia e, conseqüentemente, promove a ascensão de beldades que, por um fator estético, passam a chamar a atenção do gosto popular, representando os moldes da beleza contemporânea. Moldes que definem o tipo de demanda em relação às novas tendências da forma perfeita do corpo.

Por meio de campanhas publicitárias, revistas semanais que sugerem o tema saúde e forma física, os recursos oferecidos pela medicina e pelas inovações cosméticas, observa-se que a perfeição do corpo torna-se uma busca incessante na contemporaneidade. Como

expressa o sociólogo francês Jean Baudrillard, “na panóplia do consumo, o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objetos (...) é o corpo” (BAUDRILLARD, 1995: 136).

Esta demanda pelo físico “ideal” acaba por determinar uma padronização da estética, continuamente ofertada e explorada pela mídia, que expõe incansavelmente, principalmente em períodos como o carnaval, corpos que impõem as novas formas desejadas pelos seus receptores.

Na *Veja* de 04 de fevereiro de 2009, o texto de Silvia Rogar traz o título “Querida, expandi as Rainhas”, e, com ele, toda a discussão acerca dos novos padrões de beleza que envolvem o meio carnavalesco, principalmente no que diz respeito às atuais formas corporais das Rainhas de Bateria das grandes Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Inicialmente a jornalista fala a respeito da figura da Rainha de Bateria desde o seu surgimento e, para exemplificar, cita Luma de Oliveira no carnaval de 1990. De acordo com Rogar, Luma possuía um corpo esguio e delicado, sem músculos aparentes, pois o único tipo de ginástica que era desenvolvido naquela época era sambar. Contrapondo aquele período com o atual, a jornalista ressalta que a própria Luma, para se adaptar aos novos padrões de beleza, passou por um regime alimentar, bem como por um período de malhação, e encorpou.

Gracyanne Barbosa³, Rainha da Mangueira⁴ em 2008 serve como modelo deste padrão de beleza adotado pelas personagens que apresentam a Bateria das Escolas na Sapucaí. A morena tem 71 (setenta e um) centímetros de cintura, 101 (cento e um) centímetros de quadris e 69 (sessenta e nove) centímetros de coxa.

Esta padronização da beleza contemporânea, assim como em outros tempos, pode ser remetida ao conceito dos *tipos ideais*, desenvolvido por Max Weber (1991). Este *tipo ideal* é definido como um padrão que pode servir como média para a classificação da realidade social dos indivíduos e/ou da própria sociedade. Segundo Weber:

Os tipos ideais são abstrações que tentam apreender a singularidade de uma configuração composta de ingredientes que não são absolutamente singulares, e que separam os padrões definidores dessa figuração da multiplicidade de aspectos que a configuração em questão compartilha com outras. (...) São ferramentas cognitivas úteis, e também indispensáveis, ainda que iluminem deliberadamente certos aspectos considerados de menor ou escassa relevância para os traços essenciais e necessários de uma forma de vida particular. (WEBER, 1991: 3-13)

³ Além da Mangueira, Gracyanne foi Rainha de Bateria da Império da Casa Verde e Unidos de Manguinhos em 2008.

⁴ Escola que pretendo utilizar como objeto de estudo de minha dissertação.

Neste sentido, os *tipos ideais* ajudam a identificar e classificar determinado tipo de comportamento individual ou coletivo, pois, embora não sejam exatamente condizentes com a realidade, são neles que se inserem os desejos de uma sociedade, e neles se destacam os padrões que tanto indivíduo, como sociedade, desejam alcançar.

Zygmunt Bauman (2008) também reflete sobre *tipos ideais*. O sociólogo ressalta que eles não descrevem a realidade com exatidão, porém podem servir como ferramentas para analisá-la. Trazendo esta definição para a discussão do presente trabalho, pode-se afirmar que o estilo do corpo de cada época não deve servir como fonte única de precisão para decifrar determinado tempo, mas corrobora com a análise dos valores e modos de vida de um período e, com isso, compreende os anseios individuais e coletivos de uma época.

Para chegar à sua forma, segundo a *Veja*, as Rainhas de Bateria submetem seu físico a diversos recursos, gerando uma artificialização de seu corpo. Portanto não se pode aplicar o conceito dos *tipos ideais* a tal forma física. O pensamento desenvolvido por Weber se encaixa a pessoas comuns que habitam a cidade, isto é, à forma física natural das mulheres. Assim, os *tipos ideais* são uma média do estilo dos corpos femininos do Rio de Janeiro, e esta média se dá através de mulheres que habitam a cidade sem pertencer a um determinado meio artístico, ou sem fazer de seu corpo um meio de sobrevivência.

Para deixar seu corpo com o físico “ideal”, Gracyanne Barbosa colocou uma prótese de 450 mililitros de silicone nos seios e, além disso, faz dietas de proteínas e carboidratos, musculação pesada três vezes por semana e *spinning*⁵ todos os dias. A Rainha ressalta que seu tipo físico é “do padrão que o povo gosta”.

Portanto, o corpo da Rainha de Bateria perde sua autenticidade para padronizar-se, isto faz com que, neste caso, o conceito dos *tipos ideais* perca a sua validade, pois o corpo não possui mais uma média, e sim um padrão. As mulheres já não exibem mais suas formas naturais, mas sim formas que os novos recursos as ajudaram a obter. Deste modo, podemos chamar os novos moldes do corpo feminino de *padrões midiáticos*.

Este corpo que a mídia demanda difere de qualquer outra época histórica. Segundo a *Veja*, no carnaval contemporâneo uma Rainha de Bateria não pode ter menos do que um metro de quadris, porém não é apenas a largura desta parte do corpo que chama atenção,

⁵ Apresentando um completo programa de atividades em bicicletas estacionárias, ajuda a perder peso porque tem uma alta queima calórica.

mas a dedicação aos exercícios que as Rainhas precisam ter diariamente para manter um corpo malhado e bem definido:

As coxas, apesar da semelhança com troncos de madeira de lei, não existem na natureza: nascem de exercícios de rigor indescritível em academias de ginástica, aditivadas por substâncias que todo mundo toma, mas ninguém admite. Submetidas ao mesmo regime, as nádegas, já naturalmente proeminentes, avançam como mísseis balísticos. Os seios invariavelmente turbinados com implantes arrematam a silhueta das hiperfêmeas, as mulheres apoteóticas, de características femininas exacerbadas até o exagero. (ROGAR, 2009: 110)

Tal porte físico é visto por milhões de mulheres do país e, com isto, se torna objeto de consumo de grande parte delas, fazendo desta estética corporal um modelo a ser perseguido através de muitos recursos oferecidos pela medicina, clínicas de estética, e também pelas próprias academias de ginástica, que enaltecem a boa forma como um marco dos dias atuais, como um meio da mulher contemporânea se enquadrar nos padrões de beleza de seu tempo e, doravante, ocupar sua cidade, seu espaço, chamando atenção dos homens e despertando em outras mulheres o desejo de adquirir a mesma forma física.

Quando chega próximo aos *padrões midiáticos* do corpo contemporâneo, ou seja, aos moldes do físico de uma Rainha de Bateria, a mulher prontamente se depara com uma situação de poder, pois ela conseguiu algo que almejou e trabalhou arduamente para adquirir. Neste sentido, Michel Foucault (1989) desenvolve uma importante linha de raciocínio ao relacionar corpo e poder, batizando este conceito de *corpos dóceis*.

O estudo do sociólogo aborda a repetição dos movimentos para obtenção de determinada forma física, esta repetição também se dá através da submissão do corpo em determinadas atividades realizadas corriqueiramente, no trabalho, ou na própria convivência social. Para Foucault, um corpo dócil é aquele que “pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1989: 125).

O autor aborda que todo trabalho corporal feito repetidamente possui alguma finalidade, algum objetivo para o qual é direcionado, e esta finalidade sempre está relacionada com a produção, ou seja, com a economia. Para Foucault, o trabalho de repetição exige dedicação e esforço, mas seu objetivo, por essência, busca alguma maneira de relação com o poder, bem como de utilidade. Diz ele:

As relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de

produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 1989: 28)

A estética em abundância produzida nos moldes contemporâneos pode exemplificar as palavras de Foucault. Muito embora as Rainhas de Bateria, com suas formas exuberantes, não sejam objetos de consumo direto durante seus desfiles na Marques de Sapucaí, devido à exposição de sua imagem, de suas formas bem definidas, ganham espaço no mercado de trabalho, sendo chamadas para posar nuas e participar de diversos anúncios publicitários, e isto faz com que a utilização do seu corpo torne-se válida, a partir do esforço que elas fizeram para obtê-lo.

Denise Siqueira (2006) aborda a questão do corpo contemporâneo como imagem em sua obra *Corpo, comunicação e cultura*. A professora elabora um paralelo entre o corpo cultural, psíquico, físico e social, sendo que o último necessita de um modelo para se enquadrar, e este modelo é o corpo do outro. Neste sentido, a autora nos remete ao corpo da Rainha de Bateria, que é usado como modelo para outras mulheres que desejam ter um físico de tal porte.

Siqueira explica que, no mundo contemporâneo, muitas pessoas fazem do corpo um meio de sobrevivência, neste sentido, a autora enfatiza os cuidados que devem ser necessários para que este corpo não seja prejudicado. Diz ela:

No mundo contemporâneo, em que predomina a imagem e, por ela, são transmitidos valores sociais, o corpo tornou-se objeto de consumo que deve ser preservado pelos tratamentos propiciados por planos de saúde e por produtos cosméticos, garantido por seguros de vida e de acidentes. Modelos e atletas fazem seguros de partes do corpo, afinal são garantia de sua renda, de seu salário. (SIQUEIRA, 2006: 59)

Tal citação reforça a idéia dos *padrões midiáticos* do corpo contemporâneo, pois a forma física tornou-se objeto de consumo, principalmente por parte da mídia. Portanto, o corpo contemporâneo serve como ferramenta de trabalho e, com isso, é submetido à ampla exposição, logo, deve receber grande valorização por meio de cuidados estéticos e seguros contra acidentes.

Contextualizando as idéias de Siqueira com a teoria de Michel Foucault, podemos dizer que ambas fortalecem o objetivo do presente trabalho, pois abordam o corpo como

um meio de sobrevivência, neste caso, para as Rainhas de Bateria, fazendo deste corpo um modelo característico do corpo da mulher brasileira, revelando, com esta forma física, um novo *padrão midiático* de beleza nacional.

Para conseguir um lugar de destaque nas Escolas de Samba, essas personagens do carnaval carioca submetem seu corpo a inúmeros exercícios, modificando seu verdadeiro perfil, e passando a adquirir um tom artificial que é almejado por parte da população feminina. Portanto, estes novos padrões de beleza aparecem juntamente com as figuras que a mídia coloca aos receptores, que, neste caso, estão docilizando a cada dia mais o seu corpo, fazendo dele uma fonte de renda e, a partir disso, um objeto de desejo da população comum.

De acordo com a matéria de Silvia Rogar, o corpo feminino está se moldando de uma maneira considerável nos últimos vinte anos, e isto pode se perceber ao acompanhar as formas das Rainhas de Bateria desde 1990 até os dias atuais: o que era pra ser algo sensual e feminino está se tornando a cada dia mais definido e expandido, isto é, docilizado. Este *corpo dócil* abordado por Foucault se torna o *padrão midiático* da sociedade contemporânea.

Representações de beleza na cidade do Rio de Janeiro

Como vimos anteriormente, a mídia demanda um padrão de corpo, e este modelo acaba sendo cultuado como a forma perfeita nos dias atuais. Gerando milhares de seguidores e definindo um estilo do gosto popular, a mídia envolve uma série de representações para este corpo, e acaba por caracterizar tais representações como moldes nos quais a mulher brasileira se insere.

Pensando por este lado, podemos dizer também que as mulheres que possuem um corpo com formas que não se inserem nestes padrões são classificadas como gordas ou feias, logo, as mulheres que possuem as formas idealizadas pela mídia, são consideradas modelos da beleza contemporânea. Neste sentido, observamos que, nos dias atuais, a beleza se estabelece de acordo com o corpo que as mulheres possuem, fazendo com que o físico seja um dos seus maiores meios de representações.

Rogar comenta que as Rainhas de Bateria direcionam certo interesse em outros tipos de corpos que também servem como modelo de beleza contemporânea, citando Angelina Jolie e Gisele Bündchen como exemplos. Para as Rainhas, este tipo de corpo é belo, porém não causa inveja, pois não chama atenção, devido ao seu porte muito magro. A jornalista ressalta que as Rainhas preferem o modelo ancestral da beleza, ou seja, os moldes mais avantajados. Neste sentido, Rogar remete os novos padrões de beleza aos padrões primórdios, onde os quadris fartos representam a capacidade reprodutiva da mulher:

A psiquiatra Carmita Adbo, do Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas de São Paulo comenta sobre a atração masculina por este perfil, diz ela: “até hoje esse perfil feminino continua interessante no inconsciente masculino por remeter à perpetuação da espécie” (ADBO *apud* ROGAR, 2009: 112).

Após esta correlação entre o corpo da mulher contemporânea e os corpos ancestrais, Rogar fala sobre um levantamento realizado pela antropóloga Mirian Goldenberg, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Goldenberg, em sua pesquisa, mostra qual a preferência dos homens que moram no Rio de Janeiro em relação ao porte físico das mulheres.

A antropóloga entrevistou 444 (quatrocentos e quarenta e quatro) cariocas e constatou que para a grande maioria, a parte que mais chama atenção em uma mulher é o bumbum. Como mulher que pode ser considerada o padrão de beleza feminina contemporânea, destacou-se a ex-dançarina do grupo “É o Tchan”, Sheila Carvalho. A artista também possui os padrões de corpos das Rainhas de Bateria, ou seja, ela não é uma mulher magra, possui pernas grossas e bumbum avantajado, silicone nos seios e músculos aparentes.

Sheila⁶ possui 68 (sessenta e oito) centímetros de cintura, 96 (noventa e seis) centímetros de quadris e 57 (cinquenta e sete) centímetros de coxa. Comparando à Gracyanne Barbosa, Sheila também é morena, também submete seu corpo a constante docilização por meio de exercícios, bem como por uso do silicone, e a ex-dançarina do “É o Tchan” colocou 170 (cento e setenta) mililitros do artifício estético nos seios.

Para o professor Ricardo Freitas (1999), o Rio de Janeiro pode ser considerado palco para a exibição dos mais diversificados tipos de corpos, segundo ele, as estratégias de

⁶ Dados disponíveis em <http://www.minhavidade.com.br/materias/beleza/Scheila+Carvalho.mv>.

marketing dos produtos e os argumentos usados pela mídia ajudam a evidenciar a diversidade física existente na cidade. Diz ele:

Ladrões sem camisa, morenas com pernas maravilhosas, profissionais liberais de terno são alguns dos personagens vistos cotidianamente na mídia. O Rio de Janeiro é um ótimo exemplo de cidade onde o corpo é argumento básico nos processos de comunicação; seu papel é fundamental nas mensagens, com ou sem roupa. (FREITAS, 1999: 122)

Assim sendo, podemos observar que o corpo é alvo de constante observação, bem como de divulgação do modo de viver no Rio de Janeiro. Este corpo que representa praia, calor, malhação e trabalho, o habitante da cidade que mais recebe visitantes estrangeiros pode representar o corpo brasileiro na visão das pessoas que não residem neste país.

Entretanto, como cita Freitas, existem muitos contrastes entre o físico dos torneados, famintos, bronzeados e anêmicos. A cidade possui muito contraste no que diz respeito à diversidade de corpos que a habitam. Logo, os moldes físicos das Rainhas de Bateria seriam apenas mais um dos inúmeros que caracterizam o Brasil, porém, como destacou a antropóloga Goldenberg, são estes corpos que habitam o imaginário e o fetichismo masculino.

Esta preferência masculina por corpos avantajados, que remetem às mulheres ancestrais, pode ser considerada uma forma de representação social que os homens cariocas possuem sobre o corpo feminino. Segundo Emile Durkheim (2003), as representações coletivas manifestam alguma realidade e/ou necessidade humana. Explica ele:

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo, encontra-se, portanto, como que concentrada aí. Compreende-se, assim, de que maneira a razão tem o poder de ultrapassar o alcance dos conhecimentos empíricos. Não deve isso a uma virtude misteriosa qualquer, mas simplesmente ao fato de que, segundo uma fórmula conhecida, o homem é duplo. Há dois seres nele: um ser individual, que tem sua base no organismo e cujo círculo de ação se acha, por isso mesmo, estreitamente limitado, e um ser social, que representa em nós a mais elevada realidade, na ordem intelectual e moral, que podemos conhecer pela observação, quero dizer, a sociedade. (DURKHEIM, 2003: 18)

Portanto para Durkheim o coletivo prevalece sobre o individual no que diz respeito à construção das representações. Quando analisamos o Corpo da Rainha como um padrão que remete à reprodução da espécie, podemos entender o que Durkheim reflete, pois o

estilo do Corpo da Rainha favorece o papel pelo qual a mulher foi destinada, ou seja, procriar. Tal pensamento se instalou no imaginário masculino, de modo que, até os dias atuais este padrão é tido como “belo”.

O autor também fundamenta essa questão quando fala sobre religião. Para Durkheim, o pensamento coletivo está muito ligado aos ritos e questões morais da vida religiosa. Poderemos correlacionar o Corpo da Rainha com o pensamento do autor, pois o discurso que prega a mulher como um ser destinado à procriação é extremamente religioso, principalmente por parte do cristianismo. Quando aborda o comportamento da sociedade diante da religião o autor discorre:

É uma simples idéia que traduz, na consciência, nossas aspirações mais ou menos obscuras ao bem, ao belo, ao ideal. Ora, essas aspirações têm suas raízes dentro de nós, vêm das profundezas mesmas de nosso ser; portanto, não há nada fora de nós que possa explicá-las. Aliás elas já são religiosas por si mesmas, portanto a sociedade ideal supõe a religião em vez de poder explicá-la. (DURKHEIM, 2003: 464)

Portanto, essas representações coletivas podem estar carregadas de aspectos do pensamento religioso. Se analisarmos a questão das Rainhas de Bateria de acordo com Durkheim, este pensamento religioso, mesmo sem que os receptores percebam, se instalou no imaginário coletivo, gerando as preferências que os homens possuem em relação à mulher e seu corpo dotado de capacidade reprodutiva.

Serge Moscovici (2002), na teoria das representações sociais, enfatiza que para trabalhar essas representações é necessário analisar as conversações que formam os saberes populares e o senso comum. Ele afirma que, para estudar as representações sociais, não deve haver uma dicotomia entre indivíduo e sociedade. Segundo o autor, as representações sociais podem ser encontradas em diversos meios, e podem ser classificadas tanto como atos de conhecimento como atos afetivos.

Pedrinho A. Guareschi e Sandra Jovchelovitch são autores de uma obra que discute essa teoria das representações, publicada em 1995. Nela consta o pensamento de Moscovici. Na apresentação do livro, que recebe o título “Textos em representações sociais, os autores abordam a forma com que tais fenômenos acontecem na sociedade. Dizem eles:

Tanto a cognição quanto os afetos, que estão presentes nas representações sociais encontram sua base na realidade social. O modo mesmo da sua produção se encontra nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação social, nos

movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de lugares sociais.(MOSCOVICCI, 2002: 20)

Com esta citação o autor remete a formação das representações sociais a várias ramificações da vida social, inclusive aos meios de comunicação. Sendo assim, podemos dizer que este modelo idealizador que povoa o imaginário masculino carioca, quando se fala sobre os padrões de beleza da mulher, pode ter sido formado pela própria mídia, com a constante exposição das imagens de mulheres de porte físico avantajado, isto é, semelhante aos corpos das Rainhas de Bateria.

Desta forma, podemos entender que as opiniões masculinas em relações ao corpo perfeito podem significar tanto uma manifestação midiática, como os desejos intrínsecos por uma mulher com padrões extremamente voltados à reprodução. Entendemos então que os corpos das Rainhas de Bateria podem ser classificados e inseridos nos padrões de beleza que envolvem o gosto masculino carioca, portanto, elas estão adaptadas ao estilo de beleza demandado pelo público que as deseja.

Considerações finais

À frente de uma das alas que mais provoca euforia popular e atenção do júri na maior festa popular do Rio de Janeiro, o cargo de Rainha de Bateria tornou-se alvo de disputa de poder por parte de celebridades e mulheres das comunidades que formam as Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro.

O carnaval é festa realizada em todo o país, porém, o Rio de Janeiro oferece uma estrutura diferenciada, atraindo atenção de toda a mídia nacional, consolidando os desfiles de suas Escolas de Samba como representações do carnaval, dentro e fora da cidade. Tal estrutura exige uma grande exposição de imagem, essa exposição demanda corpos sarados, docilizados, e preparados especialmente para o evento.

Estes corpos recebem destaque na mídia como sinônimos de beleza contemporânea, ou seja, esta forma física destacada nos desfiles das Escolas de Samba, transforma-se em um padrão midiático de modelo de beleza nacional. Levando em consideração a artificialização deste corpo, podemos dizer que ele não se enquadra no conceito de Max Weber sobre *tipos ideais*, pois o tipo físico que compõe tal conceito é aquele que a maioria

da população comum possui, ou seja, uma média da beleza comum, natural, que habita as ruas da cidade sem pretensões de grandes destaques, como não é o caso das Rainhas de Bateria.

No campo das representações, pode-se destacar a pesquisa feita por Mirian Goldenberg, que mostra a preferência masculina carioca por corpos femininos “avantajados”, isto é, aqueles que possuem medidas menos modestas, ressaltando o farto quadril, as fartas pernas, os fartos seios.

Esta pesquisa, quando debatida por psicólogos, mostra que o homem pós-moderno, habitante da cidade do Rio de Janeiro, ainda possui no imaginário fetichista, representações de beleza feminina que remetem a modelos ancestrais. Ou seja, fartas ancas que geram a possibilidade de maior reprodução, fazendo com que a mulher cumpra seu papel na sociedade, o maternal.

Esta preferência masculina pode ser unida ao pensamento de Durkheim, quando o autor afirma que todas as representações coletivas estão ligadas fortemente à religião, pois o pensamento de que a mulher precisa ter corpos férteis para a reprodução, possui apelo fortemente religioso.

Portanto, as representações fetichistas sobre padrões de beleza no imaginário masculino carioca estão correlacionadas com conceitos desenvolvidos por Durkheim no início do século XX, ou seja, essas representações estão totalmente ligadas com a cultura dos primórdios, mostrando que o homem pós-moderno carioca ainda pensa como tal, mesmo que inconscientemente.

Como expliquei na introdução, este trabalho marca o início de minha pesquisa para a dissertação de mestrado, portanto, as conclusões aqui expostas não são definitivas.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. “Consumismo versus consumo”. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins fontes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1989.

FREITAS, Ricardo. “Corpo e Consumo: A Estética Carioca”. **Que corpo é esse?** Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A., JOVCHELOTIVCH, Sandra. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROGAR, Silvia. "Querida, expandi as rainhas". **Revista Veja**, 4 fev. 2009.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. **O Fenômeno Urbano**. Guanabara: Rio de Janeiro, 1987.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Corpo, comunicação e cultura**: a dança contemporânea em cena. São Paulo: Editora de Autores Associados, 2006.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira, SIQUEIRA, Euller David de. **Cidade: palco de cultura e comunicação, espaço de reflexão sobre turismo**. Porto Alegre: Revista Famecos, 2007.

WEBER, Max. “Conceitos Sociológicos Fundamentais”. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.